

## CONTO E TRADIÇÃO POPULAR CHINESES

---

*Ana Maria Costa Lopes\**

Ao estudioso ocidental que se debruça sobre a história literária da China, chama a atenção o facto de que o modo de transmissão popular não seguiu neste país os mesmos caminhos que nas outras tradições, designadamente as europeias, no que se refere ao momento e integração da tradição oral no desenvolvimento da literatura escrita. A questão é capital para o nosso tema, pois o seu esclarecimento resolve o problema da possibilidade de o desenvolver, visto ser importante para a nossa problemática saber em que medida as características da vida social se repercutiram nos textos chegados até nós e como estes ajudaram a condicionar alguns traços da sociedade.

Parece, por isso, de toda a conveniência fazer o estudo do desenvolvimento do conto popular no quadro do desenvolvimento da literatura chinesa, em geral.

Na presente resenha, seguir-se-á o método histórico, analisando as circunstâncias do desenvolvimento do conto popular em função das épocas em que a história da China é habitualmente dividida. Esta periodização é diferente da usada na história ocidental e segue as grandes dinastias chinesas. Segue-se tal divisão, por ser a usada pelos estudiosos, embora se saiba que qualquer periodização é fictícia e condicionadora da análise. Mas é necessária ao «manuseamento» de uma matéria tão vasta e complexa

---

\* Universidade Católica Portuguesa e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (C.E.P.C.E.P.) da mesma Universidade.

como a que tratamos. O fio condutor deste trabalho será, portanto, o cronológico.

Um facto importante que ressalta dos estudos sobre a literatura chinesa é que o seu desenvolvimento está intimamente ligado ao conto popular. O breve apanhado que se fará desta literatura, quer oral quer escrita, permitirá verificar a especificidade do género que nos ocupa. As referências aos outros géneros literários serão limitadas ao que directa ou indirectamente têm a ver com o nosso tema. Para a sua compreensão, terá igualmente de se fazer referência a alguns factos de ordem histórica, económica, demográfica e cultural, designadamente os que levaram ao desenvolvimento das cidades, da cultura e da própria literatura. A literatura erudita é fundamentalmente um fenómeno citadino e expressão da sua cultura específica, menos voltada para o mítico do que para a novidade racionalizada e tecnicizada.

Por outro lado, o desenvolvimento das cidades permitiu o aparecimento de massas populacionais bastante numerosas em mercados e locais de entretenimento, que suscitaram o surgimento dos contadores de histórias. Os provincianos que vinham à cidade para os seus negócios também a eles acorriam. Factor igualmente importante do desenvolvimento da literatura é a invenção da imprensa que acelerou a divulgação das histórias inventadas em tais circunstâncias e a fixação dos géneros mais cultivados e aceites. A um público cada vez mais vasto e diversificado começaram a ser fornecidas narrativas de toda a espécie, que iam sendo adaptadas aos gostos mutáveis e aos géneros de entretenimento mais apreciados, em função dos quadros ideológicos e valorativos dominantes. Estas adaptações eram, aliás, necessárias. A literatura erudita, com efeito, era ininteligível para a maioria dos ouvintes e leitores. A linguagem clássica, bem como os temas e o estilo utilizados, não se coadunavam com os gostos e a linguagem pouco elaborada da gente mais simples. E a literatura que a utilizava só podia ser cabalmente apreciada por quem tivesse tido uma educação literária, necessariamente morosa, e por isso reservada a quem podia gastar seu tempo em tarefas não produtivas.

Esta simples diferenciação do gosto e dos círculos de consumo literário sempre foi, aliás, expressão da distância social e cultural dos grupos e classes sociais. Os iletrados não tinham capacidade para assimilar os conceitos mais desenvolvidos das classes superiores. Precisavam de textos mais simples, ao gosto tradicional, para se porem em contacto com as suas verdadeiras raízes culturais e nisso se recrear. Por isso, a literatura oral era a única que podia satisfazer as necessidades culturais das classes populares iletradas ou semi-letradas. Mas, porque pouco elaborado e espontâneo, era considerada como um género menor.

A nossa exposição levar-nos-á a fazer referência ao desenvolvimento de uma instituição fulcral para a compreensão da literatura oral e escrita, que é a dos contadores de histórias. Fá-lo-emos sobretudo a partir da dinastia T'ang. As fontes anteriores sobre a sua existência e funções não são muito precisas, embora algumas notícias existam a seu respeito em épocas precedentes.

Um outro elemento a balizar as nossas considerações é que, parece ter sido na dinastia Ming, que se procedeu à constituição das grandes compilações da literatura popular derivadas da actividade dos contadores de histórias, sobretudo graças a Feng Menglong. Algumas compilações tinham sido feitas na dinastia Song; não tinham, porém, a envergadura destas. Simultaneamente se desenvolvem os romances populares. Na nossa resenha, passaremos igualmente pela dinastia Qing. Para todas as épocas serão apresentadas, em termos genéricos, as principais condicionantes do incremento da literatura popular e suas fases, contextualizadas em termos das principais mudanças históricas e culturais dos agentes de transmissão e ao público, seu artífice e destinatário.

## **1. A tradição popular antes da dinastia T'ang: os siao-chou**

A literatura popular está ligada aos primórdios da civilização chinesa. Segundo Lu Hsun (ou Lu Xun), a quem se deve a primeira história da literatura chinesa, a literatura popular teve

a sua origem nos momentos de descanso. Na verdade, «enquanto ao trabalhar os homens tentavam esquecer as suas preocupações cantando, ao descansar contavam histórias para passar o tempo. Foi assim que a ficção começou.»<sup>1</sup>

Estas narrativas alimentavam-se dos mitos e lendas que corriam na boca do povo. Contos, histórias e pequenas novelas teriam retirado de tais fontes os seus principais conteúdos.<sup>2</sup> Posteriormente, estes relatos verbais foram reduzidos a escrito e passaram a integrar toda a espécie de tratados históricos, filosóficos, geográficos e poéticos. Ainda hoje os podemos encontrar assim enquadrados, como testemunhos vivos de uma tradição que progressivamente se foi transformando.

Já nos séculos V e IV A.C. «como resultado da competição entre as várias escolas e de debates académicos, a prosa floresceu. Para fazer a demonstração das suas ideias, os letrados usavam provérbios, mitos, lendas, nos seus ensaios para atrair a atenção.»<sup>3</sup> Podemos encontrar matéria popular nas primeiras obras clássicas, por sinal confucianas (VI-III A.C.).<sup>4</sup> As *Anotações à Primavera e Outono*, *As intrigas dos estados em guerra*,<sup>5</sup> por exemplo, têm algumas fábulas para facilitar a sua compreensão e aligeirar o estilo. No *Livro das montanhas e dos mares*, um manual de geografia, aparecem muitos mitos que influenciaram a ficção chinesa. A propósito deste *Livro ...* e também de outros Odile Kaltenmark

---

<sup>1</sup> LU Hsun, *A Brief History of Chinese Fiction*, Peking, Foreign Languages Press, 1976, p. 375.

<sup>2</sup> Cf. JIANING Chen, *The Core of Chinese Classical Fiction*, Beijing, New World Press, 1990, p. 9.

<sup>3</sup> ID., *op. cit.*, p. 10.

<sup>4</sup> É o caso das seguintes obras: *Livro da história*, *Livro das odes*, *Livros das mudanças*, *Anais da Primavera e do Outono*, *Livro dos ritos*.

<sup>5</sup> Cf. JIANING Chen, *The Core of Chinese...*, p. 10.

refere que «a literatura popular dos contos, se conservou em parte nas obras dos 'filósofos'».»<sup>6</sup>

Estes pequenos contos ou narrativas são classificados pelos chineses de *siao chou*,<sup>7</sup> «literatura de fantasia, de imaginação.»<sup>8</sup> O termo foi primeiramente utilizado por Zhuang Zi (ou Chuang Tzu) (369-286 A.C.), no sentido de historieta sem importância,<sup>9</sup> e significava a conversa sem relevância moral com um significado completamente diferente do actual.<sup>10</sup> Esta designação *siao chou* aplicava-se sobretudo a novelas curtas, mas também era utilizada para alguns romances mais longos.<sup>11</sup>

A secção bibliográfica da história da dinastia Han, o *Ts'ien Han chou*<sup>12</sup> apresenta a classificação da literatura em seis secções: livros clássicos, obras filosóficas, poesia, livros sobre arte militar, técnicas diversas, medicina e higiene. Nele existe igualmente uma secção à parte, a dos *Contadores*, na qual está incluído o género dos *shiao-shuo*, ou seja a «a bisbilhotice das ruas.»<sup>13</sup> Este género, não teria, segundo os autores, interesse do ponto de vista literário. Parece, no entanto, que muitos «estilos de épocas posteriores derivaram dele.»<sup>14</sup> Os mais célebres espécimes referentes à dinastia

---

<sup>6</sup> Odile KALTENMARK, *La Littérature chinoise*, Paris, PUF, 1977, p. 42.

<sup>7</sup> Este termo, usado para significar ficção, também aparece como *xiao shuo*, *hsiao-shuo*, em função de regras de transcrição usadas em diferentes épocas por diversos autores.

<sup>8</sup> Odile KALTENMARK, *La Littérature chinoise...*, p. 42.

<sup>9</sup> Os termos ingleses que definem tal género são: *chitchat*, *trivial talk*, *gossip of the streets*.

<sup>10</sup> Cf. JIANING Chen, *The Core of Chinese...*, p. 11. A palavra «talk» significava prosa narrativa. Cf. também LU Hsun, *A Brief History of...*, p. 374.

<sup>11</sup> Cf. Odile KALTENMARK, *La Littérature chinoise...*, p. 42.

<sup>12</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. 13.

<sup>13</sup> Cf. LU Hsun, *A Brief History of...*, p. 374.

<sup>14</sup> Odile KALTENMARK, *La Littérature chinoise...*, p. 13.

Han, na maioria perdidos, são os *Seou chen ki*, de Kan Pao, constituídos por histórias maravilhosas e pequenas narrativas, bem como os de K. Hong (283-343), *shiao-shuo* constituídos por biografias de mágicos e de taoístas importantes.

Ainda de acordo com a mesma secção bibliográfica do *Ts'ien Han chou*, os escritores de *shiao-shuo* eram considerados como os sucessores dos oficiais, mais correctamente dos oficiais *pai* (arroz) dinastia Chou,<sup>15</sup> história da dinastia Han cujo trabalho consistia em coligir as conversas populares, o que se falava nas ruas, de modo a informar o imperador.<sup>16</sup> A auscultação do viver e sentir da população, das suas ambições, contentamentos e descontentamentos, era a forma de o imperador estar em contacto com os seus súbditos.

É interessante seguir de perto o percurso destes *shiao-shuo*. Os mais antigos, na sua maior parte, são do tempo das *Seis Dinastias*. Mas há-os também na dinastia Ming.<sup>17</sup> André Lévy, ao referir-se a estas narrativas considera-as como ditos breves e discursos menores («menus propos», «discours mineurs»), que englobam vários géneros, que vão «das histórias estranhas às anedotas, notas ou crónicas, no sentido alemão de *Novelle*.»<sup>18</sup> Neles também eram referidos feitos estranhos, sobrenaturais ou mesmo extravagantes. Alguns tratam especificamente de mitos e lendas como, por exemplo, o *Bowu zhi*,<sup>19</sup> compilado por Zhang Hua (232-300). Outros *shiao-shuo* falam-nos de personagens históricas, guerreiros, homens ou mulheres famosos.

---

<sup>15</sup> Cf. LU Hsun, *op. cit.*, p. 21.

<sup>16</sup> Cf. JIANING Chen, *The Core of Chinese...*, p. 11.

<sup>17</sup> Cf. Odile KALTENMARK, *La Littérature chinoise...*, p. 100.

<sup>18</sup> Cf. André LÉVY, *La littérature chinoise ancienne et classique*, Paris, PUF., 1991, p. 84.

<sup>19</sup> Cf. ID., *La littérature chinoise ancienne...*, p. 86.

Os géneros e conteúdos eram tão variados como os interesses do povo que os produzia e escutava. Alguns tratam de história, outros de filosofia, outros de religião; muitos referem lendas, outros contam histórias. Mas os *shiao-shuo* que mais nos interessam são os ligados à produção imagética. Habitualmente tomados por um género menor<sup>20</sup> são constituídos por pequenas narrativas ou contos. A eles foram os letrados, durante muito tempo, colher informações e até inspiração.<sup>21</sup> Por isso, A. Lévy pensa terem-se mantido até muito tarde.

Todos estes materiais, algo dispersos, foram mais tarde organizados de acordo com as matérias de que tratavam. Uma das mais importantes colectâneas é a constituída no século XVI por Feng Menglong (1574-1646). Nela estão recolhidos 120 *shiao-shuo*. Nos finais do século XVII, a moda da constituição de tais antologias parece ter morrido.<sup>22</sup>

Os *shiao-shuo* sofreram diversas influências ao longo dos tempos, designadamente na dinastia T'ang, em que são tomados como fonte de inspiração os contos taoístas e budistas. Nesta altura, os letrados empregam-se na redacção de contos, com óbvios resultados ao nível da sua qualidade literária.

Até à dinastia Ming, o género *shiao-shuo* estava limitado aos contos e novelas. Os *shiao-shuo* dos séculos IV ao VI, no período das *Seis Dinastias*, eram contos acerca do sobrenatural influenciados pelo pensamento indiano, chegado à China através dos ensinamentos budistas. Muitas das histórias budistas tratavam de fantasmas, deuses e seres sobrenaturais.<sup>23</sup> Foram feitas, neste mesmo período, várias colecções de histórias extraordinárias, que

---

<sup>20</sup> Odile KALTENMARK, *La Littérature chinoise...*, p. 42.

<sup>21</sup> André LÉVY, *La littérature chinoise ancienne...*, p. 84.

<sup>22</sup> Cf. ID., *op. cit.*, pp. 103-104.

<sup>23</sup> Cf. LU Hsun, *A Brief History of...*, pp. 381-385.

podem ser encontradas, por exemplo, no *Livro das divindades e maravilhas*, no *Memorial de coisas estranhas*, no *Memorial de espíritos* e no *Suplemento do memorial de espíritos* e *Memorial da luz e das trevas*.<sup>24</sup> É durante esta época que a actividade dos contadores de histórias começa a crescer e a evidenciar-se. Da sua actuação e estatuto em dinastias anteriores pouco conhecimento há, já que se perdeu a maior parte dos materiais por eles elaborado antes desta altura, até porque, possivelmente, a sua actividade era pura e simplesmente baseada na memória e não tinha suportes escritos. Sabe-se, no entanto, que o género por eles cultivado, o *p'ien-wen*, ou prosa paralela se desenvolveu durante a dinastia Tsin (265-420) e as dinastias do Norte e do Sul (420-589).<sup>25</sup>

## 2. O ambiente sócio-cultural durante o período T'ang (618-907)

A ficção começa a desenvolver-se durante a dinastia T'ang. Nesta época, «a literatura narrativa chinesa sofre grandes alterações», como refere Lu Xun, que continua: «os textos da época das Seis Dinastias (III-VI séculos) não eram mais do que crónicas de feitos bizarros de gentes excêntricas.»<sup>26</sup> Tratava-se de «notas factuais simples e curtas.» No entanto, «com os T'ang compõe-se ficção intencionalmente, o que constitui um grande avanço, no plano histórico, do romance chinês.»<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Cf. JIANING Chen, *The Core of Chinese...*, p. 17.

<sup>25</sup> Cf. SHI Shun Liu, ed., *Chinese Classical Prose. The Eight Masters of the T'ang-Sung Period*, Hong-Kong, The Chinese Univ. Press, 1979, p. 4.

<sup>26</sup> O texto original está incompletamente citado por Lévy. Cf. LU Xun cit. por André LÉVY, *Histoires extraordinaires et récits fantastiques de la Chine ancienne, Chefs-d'oeuvre de la nouvelle (dynastie des Tang, 618-907)*, II, Paris, Aubier, 1993, p. 9. Esta citação corresponde a uma interpretação.

<sup>27</sup> LU Xun (LU Hsun) cit. por André LÉVY, *Histoires extraordinaires...*, p. 9.



Na opinião de vários autores, esta dinastia é a idade de ouro da literatura chinesa. Muitos são os poetas e escritores que nela surgiram e os géneros que, estando em embrião na dinastia anterior, nela desabrocharam. É o caso da novela, dos múltiplos contos e historietas da ficção erudita ou tradicional, as *Chuan-c'hi*. A poesia e a novela foram os dois géneros que mais se propagaram neste período. Antes da dinastia T'ang não estava desenvolvida a noção de ficção na China que não fosse, de origem mítica, ou contística popular.

Também, no que diz respeito à História e à Cultura, este período é considerado pelos historiadores como um dos mais brilhantes- «um dos mais ricos e complexos da história intelectual do mundo chinês» - e por eles equiparado ao da transição do mundo medieval para os tempos modernos na Ásia Oriental.<sup>28</sup> Foi igualmente o século de ouro do Budismo, caracterizado por um forte intercâmbio cultural com outros povos. A unificação e paz do império, bem como a estabilidade económica e política estiveram na base de todas estas realizações.

Ch'ang-an e Loyang, as duas mais importantes cidades desta dinastia foram ligadas por uma importante 'estrada' fluvial concretizada nesta precisa época. Estas cidades estavam construídas à escala monumental. A sua população não cessava de aumentar.<sup>29</sup> A abertura a outras gentes fez que a China acolhesse temporária ou permanentemente populações vindas de vários pontos do continente asiático. Ch'ang-an, sobretudo, foi um grande centro cosmopolita. Tibetanos, coreanos, turcos, uigures, persas, árabes, indianos

---

<sup>28</sup> Jacques GERNET, in *A History of Chinese Civilization*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990, pp. 202, 235. Ver principalmente a época compreendida entre 710-55. (p. 258).

<sup>29</sup> A população cresceu rapidamente em toda a China e a cidade com os seus subúrbios e as zonas campestres à sua volta estimavam em cerca de 1.960.186 habitantes. Cf. John K. FAIRBANK and Edwin O. REISCHAUER, *China, Tradition and Transformation*, Sidney, Allen & Unwin, 1989, p. 105.

trouxeram consigo a sua cultura, as suas técnicas, as suas artes de comércio. Nestas artes eram os árabes exímios. Vindos dos portos do Sul da China, designadamente de Cantão, negociavam com os povos dos mares do Sul, do Japão, das ilhas de Sonda, Ceilão, do Golfo Pérsico, do Irão. Mas, a riqueza dos mercadores estrangeiros parece ter ocasionado sentimentos de xenofobia. Houve comerciantes árabes e persas massacrados em 760 em Yangchow e no ano de 879, todos os mercadores estrangeiros foram atacados pela tropa chinesa em Cantão.<sup>30</sup>

Mas enquanto os estrangeiros se mantiveram na China, a sua influência não se limitou às trocas comerciais e à introdução de novas técnicas. As trocas culturais foram igualmente importantes. Nessa altura, os chineses eram receptivos às novidades vindas do exterior e contavam os estrangeiros entre os seus amigos. Danças, jogos, música, culinária, roupas, tudo atraía os chineses. Novas religiões floresceram, como o Maniqueísmo, o Nestorianismo, o Islamismo. O Budismo que já desde a metade do século II interessava os chineses, atinge nesta dinastia o auge do seu desenvolvimento.<sup>31</sup> Desde os finais do século VI ao IX torna-se a religião comum da maior parte dos povos da Ásia.<sup>32</sup> Os mosteiros, a par das escolas oficiais, transformam-se em centros de irradiação da cultura. Esta religião marcou, aliás, de forma indelével a China. Como afirma Jacques Gernet, ele é «um dos elementos básicos na formação do mundo chinês.» Por outro lado, «a sua introdução enriqueceu e subverteu simultaneamente as tradições religiosas, filosóficas, literárias e artísticas.»<sup>33</sup> Particularmente visíveis são as mudanças do gosto, designadamente

---

<sup>30</sup> Cf. Jacques GERNET, *A History of Chinese...*, p. 292.

<sup>31</sup> Cf. ID., *op. cit.*, 225.

<sup>32</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. 277.

<sup>33</sup> ID., *op. cit.*, p. 211.

na pintura e na escultura. O processo foi, no entanto, interrompido com a expulsão de todos os estrangeiros (842-845) o qual teve por pressuposto a guarda das velhas fontes da tradição chinesa. Um decreto saído por volta de 836 proibia aos chineses qualquer relacionamento com gente de côm, numa clara «atitude de hostilidade contra estas influências estrangeiras.»<sup>34</sup>

## OS PIEN-WEN E O CONTO POPULAR

O aumento da produção ligada ao desenvolvimento de grandes cidades, como as de Ch'ang-an e Loyang já acima referidas, trouxe prosperidade à economia. Esta prosperidade permitiu o incremento de novas classes sociais, com gostos e exigências específicas no que respeita a géneros literários que lhes colmatassem a ânsia de conhecimentos e lhes preenchessem os momentos de ócio. Haja em vista, a nova classe urbana, a dos comerciantes, cujas «exigências literárias e de entretenimento [...] deram um forte impulso ao desenvolvimento da poesia e da literatura nacional e regional, dos géneros mais variados.» O facto parece ter tido importância porque teria sido «sobre esta base que se desenvolveu a novela curta.»<sup>35</sup>

A maior parte da população não compreendia a linguagem literária. Por outro lado, o conteúdo das histórias clássicas estava distante dos seus interesses e do seu quotidiano. Natural seria, pois, que se sentisse atraída pela literatura popular — que tinha primitivamente apenas expressão oral - e pela actividade dos seus principais divulgadores, os contadores de histórias, de que se sabe existirem já nas dinastia Chou e Han. O seu trabalho

---

<sup>34</sup> ID., *op. cit.*, p. 294.

<sup>35</sup> *Contos da dinastia Tang*, Pequim, Ed. em Línguas Estrangeiras, 1986, p. II.

baseava-se na literatura oral, não parecendo haver dúvidas de que «a ficção tradicional chinesa é, acima de tudo, a preservação da literatura em vernáculo.» Na verdade, «um grande número de contos e anedotas foram criados em linguagem literária durante a dinastia T'ang, durante as Seis Dinastias, ou até mais cedo.»<sup>36</sup>

Muitas dessas histórias dos contadores foram adaptadas dos *sutras* budistas, narradas e acompanhadas com canções cantadas pelos monges que, para os tornarem acessíveis aos iletrados, os verteram em língua vulgar. Os monges budistas utilizavam os *pien-wen*, «prosa paralela», versificada, na divulgação das suas crenças religiosas, constituídas por pequenas histórias, acessíveis ao povo. Estes *pien-wen* continham textos de natureza religiosa, baseados nos livros sagrados do hinduísmo<sup>37</sup> e traduzidos para chinês durante as *Seis Dinastias*, (222-589 A.C.) que, por esta altura, atingem o seu maior desenvolvimento. As narrativas, primeiramente orais, foram gradualmente sendo passadas à escrita. Yang e Mao referem que «estas histórias orais teriam inicialmente sido escritas por um grupo de 'escritores' que as compilaram, adaptaram, embelezaram e até talvez tivessem criado o próprio material dos contadores.»<sup>38</sup> De facto, estas «narrações cruas, de pouco valor literário, fornecem uma ligação perdida entre a antiga tradição de contar histórias e a profissão de contador que se desenvolveu no período Song. Representam, além disso, um estágio de transição entre a antiga tradição de contar histórias desenvolvida durante o período Song.»<sup>39</sup> Os contadores serviram-se

---

<sup>36</sup> Winston L. Y. YANG, Peter LI and Nathan K. MAO, *Classical Chinese Fiction, A Guide to its Study and Appreciation, Essays and Bibliographies*, Boston, G. K. Hall, s.d., p. 29.

<sup>37</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, «Littérature chinoise», *Histoire des littératures*, I, Paris, Gallimard, 1977, p. 1171.

<sup>38</sup> Winston L. Y. YANG, Peter LI and Nathan K. MAO, *Classical Chinese Fiction...*, p. 30.

<sup>39</sup> ID., *op. cit.*, p. 29.

do género *pien-wen* nas suas histórias, aliás, claramente orientados para servirem de apoio à recitação oral. Tanto incluíam histórias religiosas budistas como peças laicas sobre imperadores, letrados, ministros, generais e pessoas comuns. Por vezes, reportavam histórias da antiguidade ou de natureza secular.<sup>40</sup>

Para Max Kaltenmark e François Cheng, «está-se já em presença de um género de romances populares, porque aos dados mais ou menos históricos, os contadores acrescentaram naturalmente toda a espécie de episódios de sua inventiva. Finalmente chegaram a desembaraçar-se totalmente tanto dos temas budistas como dos temas históricos, para inventaram histórias próprias, continuando a submeter-se, no entanto, à forma dos antigos *pien-wen* budistas.»<sup>41</sup> Originou-se, assim, um «género de contos populares, uns em verso, outros em prosa, outros ainda compreendendo passagens em prosa e em verso que, desde os T'ang, começam a difundir-se no público.»<sup>42</sup>

A existência deste género de ficção só muito recentemente foi confirmada. Segundo referem estudiosos chineses, «a ficção oral chinesa mais antiga de que há evidência manuscrita são estes *pien-wen*, descobertos na passagem do século, nas grutas situadas a sudeste de Tun-huang, nos lugares mais remotos do nordeste da China, na província de Kansu.»<sup>43</sup> Alguns dos fragmentos encontrados dizem respeito a histórias em linguagem coloquial que datariam dos tempos da dinastia T'ang. Todas estas histórias tiveram grande influência no romance e no teatro, das épocas seguintes, sendo igualmente utilizados pelos conta-

---

<sup>40</sup> Cf. ID., *Ibid.*

<sup>41</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1172.

<sup>42</sup> ID., *op. cit.*, p. 1184.

<sup>43</sup> Winston L. Y. YANG, Peter LI and Nathan K. MAO, *op. cit.*, p. 29.

dores de histórias, que os tornaram acessíveis ao povo, vertendo-os para a língua vulgar.

Embora as narrativas orais datem do período T'ang, como se pode ver nos *pien-wen* existentes, estas histórias teriam sido popularizadas nos mercados das cidades pelos contadores de histórias que, já nesta altura, eram muito vulgares. Mas a verdadeira profissão de contador só floresceu plenamente no período Song (960-1279).<sup>44</sup>

De um modo geral, o Budismo contribuiu substancialmente para o desenvolvimento da literatura popular, o que produziu importantes alterações na língua e na própria literatura. Na dinastia Song coligiram-se e traduziram-se textos do budismo indiano, recolhidos por alguns letrados, em viagem, «aos locais onde a literatura e a filosofia budistas eram florescentes.»<sup>45</sup> A época era favorável a este intercâmbio. Uma destas viagens, a de T'i-tsong, ficou conhecida através do seu livro *Memórias sobre as regiões ocidentais*, no qual se podem ler as tabelas das línguas, instituições e costumes dos diversos povos por ele observados. Este livro teve profundas repercussões na literatura posterior.

Após mais de cinco séculos de influência e de inspiração do mundo religioso chinês, a partir dos finais do VIII, o Budismo, alvo de perseguições, foi proscrito.<sup>46</sup> Com o seu desaparecimento, muitos locais de culto foram destruídos ou convertidos para outros fins, e os *pien-wen* extinguiram-se como quem os utilizava. A descoberta feita nas grutas de Tun-huang tem, pois, uma importância única para a história da literatura popular.

---

<sup>44</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. 29.

<sup>45</sup> Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1154.

<sup>46</sup> Cf. Jacques GERNET, *A History of Chinese...*, p. 295.

## OS HUA-PEN OU GUIÕES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Ligado intimamente aos «livros-cábulas», *hua-pen* ou *huaben*, está, conforme já foi visto, a história dos *shiao-shuo*. Os *hua-pen* continham igualmente peças de poesia e de canções. Nestes livros, usados pelos contadores de histórias, havia primitivamente apenas a estrutura básica da história. Posteriormente desenvolveram-se até atingirem formas de literatura mais consistente, sendo aproveitados pelos melhores escritores como base para as suas histórias e novelas.

A origem destes *hua-pen* remonta aos monges budistas. Ao narrarem as suas histórias para as audiências que se juntavam para os ouvir, dentro ou fora dos templos, começaram a utilizar resumos, *pro memoria*, em que anotavam os pontos principais do que se propunham contar. As suas histórias, de resto, transformavam-se em termos de pormenor e extensão. Ao serem recitadas, semana a semana, distendia-se-lhe o enredo, complexificava-se-lhes a trama. Isso contribuía, de resto, para que as audiências se mantivessem interessadas durante mais tempo. A sua colação com outros textos permite dizer que serviram de «protótipo das ajudas impressas sofisticadas que os contadores profissionais tinham nas dinastias ulteriores.»<sup>47</sup>

Do texto incipiente das anedotas e conversas de rua, passando pelo guião semi-fixo do contador de histórias chega-se ao texto completamente escrito e até impresso. Sabe-se que as histórias de coisas maravilhosas aparecem desde o século IV e que apesar dos verdadeiros autores serem os populares, foram os letrados, muitas vezes, que as registaram.<sup>48</sup> Mitos, lendas, ditos da rua, histórias budistas e taoístas e do quotidiano, numa palavra *shiao-*

---

<sup>47</sup> Dorothea Hanward SCOTT, *Chinese Popular Literature and the Child*, Chicago, American Library Association, 1980, p. 17.

<sup>48</sup> Cf. Jianing CHEN, *op. cit.*, p. 17.

-*shuo*, passam a ser utilizados pelos contadores de histórias nas praças públicas.

### CHUAN-C'HI, A HISTÓRIA LITERÁRIA, MATERIAL DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

A dinastia T'ang, considerada a época áurea da poesia, -basta recordar os nomes de Li Bai, Du Fu, Bai Yuyi -, vê surgir uma prosa não menos importante. É nesta altura que floresce a verdadeira ficção. Um dos factores mais importantes deste desenvolvimento parece estar ligado à necessidade de os candidatos a cargos oficiais entregarem uma composição, em poesia ou em prosa, nos seus concursos. Estes exames teriam, pois, contribuído para que, por meados do século VIII, aumentasse bastante o número de autores de ficção. O conto era um dos géneros preferidos para estas composições.

As histórias *chuan-c'hi*, muito vulgarizadas nesta época, são elaboradas por diversos autores, por necessidade, por diversão, ou ainda por exercício literário. A linguagem utilizada nestas composições era a clássica, harmonizada com os gostos da gente culta. Delas teriam retirado, mais tarde, inspiração os contadores de histórias, adaptando-as ao público dos mercados e praças das grandes cidades chinesas. Algumas chegaram mesmo a ser impressas. A crescente procura de livros de recreio para a população urbana desta época proporcionou esta fixação dos textos.<sup>49</sup>

A base de algumas histórias da dinastia T'ang (*chuan-c'hi* ou *chanqi*) foi não só a dos mitos, mas também a de acontecimentos extraordinários,<sup>50</sup> e de histórias maravilhosas provindas

---

<sup>49</sup> Cf. André LÉVY, *op. cit.*, p. 17.

<sup>50</sup> Cf. Geremie BARMÉ, ed., *Chinese Stories from the Ming Dynasty, Lazy Dragon*, Hong Kong, Joint Publishing, 1981, p. XI.



da religião popular Taoísta e do Budismo indiano, que teriam estimulado a imaginação chinesa.<sup>51</sup> Estas histórias sobrenaturais retomam a primitiva ficção dos séculos III-IX, onde apareciam muito reduzidas e mal esboçadas. Os romances em prosa tiveram a sua origem nestas histórias. Apesar de os literatos terem exercitado bastante este género, as histórias extraordinárias, relativas ao sobrenatural, não foram as mais comuns da dinastia T'ang.

«Depois do começo da época T'ang, compõe-se ficção intencionalmente, o que constituí um grande passo na história do romance chinês»,<sup>52</sup> nascido nesta época.<sup>53</sup> Durante esta dinastia a literatura narrativa chinesa altera-se profundamente e, para além das histórias extraordinárias e fenómenos estranhos «os enredos tornam-se mais elaborados e a linguagem mais cuidada»,<sup>54</sup> proporcionando-nos «uma imagem autêntica e viva da sociedade de então»,<sup>55</sup> por neles se dar uma grande ênfase ao concreto.

### 3. A Dinastia Song (960-1279)

Após os conturbados anos das *Cinco Dinastias*, a China entra numa época de paz durante a dinastia Song, uma das mais ricas da sua civilização. Tida como a época do renascimento chinês, é marcada pelo extraordinário desenvolvimento dos centros urbanos e das actividades comerciais, bem como do surgimento de uma nova cultura.

---

<sup>51</sup> Cf. Winston L. Y. YANG, Peter LI and Nathan K. MAO, *op. cit.*, p. 13.

<sup>52</sup> LU Xun, in André LÉVY, *Histoires extraordinaires...*, p. 9.

<sup>53</sup> Cf. André LÉVY, *Histoires extraordinaires...*, p. 9.

<sup>54</sup> Cf. LU Hsun, *A Brief History of...*, p. 80.

<sup>55</sup> *Contos da dinastia Tang*, *op. cit.*, p. I.

Ao chegar à China no século XIII, Marco Polo admirou-se com a monumentalidade das cidades que tinham dimensão e esplendor desconhecidos na Europa, bem como com o seu comércio florescente. As duas maiores cidades desta dinastia, Kai-feng ou Bianlang (capital do Song do Norte) e Li'an ou Hangchow (capital do Song do Sul), acolhiam um considerável número de habitantes. Hangchow, em 1270, teria 186.330 famílias, ou seja cerca de 900.000 mil pessoas.<sup>56</sup>

Uma série de medidas tomadas nesta dinastia, acrescidas duma situação económica favorável, fizeram que estas cidades se tornassem grandes centros de comércio e de artesanato, livres dos regulamentos que restringiam as actividades mercantis e artesanais de outras cidades.

A revogação do recolher obrigatório, em 1063, permitiu a livre circulação na cidade de K'ai-Feng, a qualquer hora do dia e da noite, facilitando uma vida nocturna muito intensa. As lojas e oficinas espalharam-se, então, por toda a cidade.<sup>57</sup> Este desenvolvimento acompanha o crescimento da população chinesa que registou, entre os séculos X e XIII, o seu segundo grande aumento: dos mais de 53 milhões estimado para os meados do século VIII, passa-se para cerca de 100 milhões. As mudanças, ocorridas por volta do ano 1000, não se confinaram às formas sociais e políticas; estenderam-se também à economia e às invenções técnicas.<sup>58</sup>

Uma população urbana constituída por uma 'classe média' de comerciantes, artesãos e todo o tipo de trabalhadores, funcio-

---

<sup>56</sup> Cf. Jacques GERNET, *La vie quotidienne en Chine, À la veille de l' invasion mongole, 1250-1276*, Paris, Hachette, 1978, p. 29. Já entre 1241 e 1252 a população atingia um total de 111.336 famílias, que corresponderiam a mais de 500.000 habitantes (Cf. *Ibid.*).

<sup>57</sup> Cf. Jacques GERNET, *A History...*, p. 332.

<sup>58</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. 319.

nários, empregados e caixeiros desenvolveu novos gostos num sector importante da sociedade. Teriam sido os proprietários e mercadores abastados, como responsáveis pelo crescimento e procura interna, que condicionaram a expansão económica da China dos séculos XI a XIII.<sup>59</sup> Os seus gostos eram muito diferentes dos das classes mais altas. Esta nova classe procurava a satisfação das suas necessidades culturais nos parques de diversão e nas obras literárias que a imprensa produzia em abundância: romances, catálogos, enciclopédias e monografias. A difusão das obras impressas, a partir do século X, foi um dos mais importantes acontecimentos da dinastia Song.

As cidades de Kai-feng, Hangchow e Pequim tornaram-se centros de entretenimento permanente. Nelas proliferavam espectáculos de todo o género ao gosto da classe mercantil, em plena ascensão. Em Hangchow contavam-se entre 17 a 23 os quarteirões de diversões. Segundo os historiadores, a indústria da distração ocupava nesta cidade «uma fracção relativamente importante do povo.»<sup>60</sup> Nos espectáculos intervinha uma grande variedade de actores: prestidigitadores, bailarinos, músicos, contadores de histórias, treinadores de animais, especialistas em jogos de sombras, cantores, actores de teatro, manipuladores de marionetas... As representações e as diversões tinham deixado de ser exclusivas da corte ou das famílias nobres. Por isso se pode afirmar que «A expansão dos divertimentos nas cidades traria a semente de uma literatura popular que seria um dos mais férteis e vivificantes elementos de toda a história da literatura da China»<sup>61</sup> precisamente porque, nesta dinastia, os contadores de histórias atingiram grande popularidade. Exhibiam os seus talentos na rua ou em locais especialmente destinados às suas actividades, perante

---

<sup>59</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. 321.

<sup>60</sup> ID., *La vie quotidienne en Chine...*, p. 236.

<sup>61</sup> ID., *A History...*, p. 332.

um vasto público. Os negociantes misturam-se aí com o povo.<sup>62</sup> Ao mesmo tempo, as casas de chá tornam-se pontos de encontro onde se ouvia ou se aprendia música e se diziam histórias. E noutros locais ensinavam-se as artes dramáticas e canto.

Por outro lado, especializaram-se as actividades artísticas ou literárias. Os profissionais substituem, pouco a pouco, o letrado hábil ou o artista generalista que tanto cultivava a caligrafia como a pintura, a prosa ou a poesia.<sup>63</sup> No século XIII são igualmente criadas diversas sociedades literárias, desportivas e religiosas. A mais célebre é a *Sociedade de Poesia do Lago do Oeste*.

As letras e as artes atingem então a maturidade.<sup>64</sup> Ao mesmo tempo, assiste-se ao renascimento do pensamento filosófico. Uma série de factores, dos quais se podem destacar mudanças sociais importantes, contribuiu para a modificação de temas e estilos. Segundo Jacques Gernet, «nas suas mais diversas expressões, poesia, conto, romance, [...] canto e música, pintura, as letras e as artes da época Song sofreram de maneira muito notória os contragolpes das transformações sociais e técnicas deste período.»<sup>65</sup> A literatura enriquece-se não só com o contributo das classes mais elevadas, mas também com o dos «burgueses», da gente do povo e, em especial, dos contadores de histórias. Os últimos tiveram um papel determinante na divulgação da ficção popular chinesa durante a dinastia Song.

Como refere Cyril Birch, enquanto «os escritores da dinastia T'ang elaboravam as suas frases para agradar aos espíritos cultos, os escritores Song usavam o coloquialismo, de acordo com os ouvidos rústicos. Ora, os espíritos cultos deste mundo são poucos,

---

<sup>62</sup> Cf., ID., *La vie quotidienne en Chine...*, p. 236.

<sup>63</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. 245.

<sup>64</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1173.

<sup>65</sup> Jacques GERNET, *La vie quotidienne en Chine...*, p. 245.

os ouvidos rústicos muitos; e a ficção adapta-se melhor ao popularizador do que ao estilista.»<sup>66</sup> Esta literatura, mesmo quando escrita, fazia apelo à língua falada ao gosto popular. A língua era utilizada com fins literários, daí resultando romances e peças literárias. Muitas vezes, os contadores iam buscar géneros literários usados pelos letrados, como os *ts'eu* (poema escrito especialmente para uma música determinada - novo género de poesia), que intercalavam nas suas narrativas.<sup>67</sup> Esta apropriação não é nova. As histórias maravilhosas ou do sobrenatural denominadas *Chuan-c'hi*, referidas atrás, foram igualmente vulgarizadas pelos contadores de histórias da rua. Tudo isto parece ter mudado profundamente a sensibilidade literária e artística dos chineses. Os contadores fizeram das técnicas da narração oral uma arte elaborada,<sup>68</sup> sendo cada um deles um especialista nos diversos tipos de contos que servem de fonte para grandes obras como *O romance dos três reinados*, escrito na dinastia Ming. Por outro lado, duas das maiores colecções de histórias, lendas e mitos foram organizadas durante a dinastia Song, entre 925-996: a *Enciclopédia Imperial T'ai P'ing* e a *Miscelânea T'ai P'ing*.

## OS CONTADORES DA DINASTIA SONG E SUAS HISTÓRIAS

A arte de contar foi-se desenvolvendo. Da actividade secular e espontânea, pela qual eram transmitidas de boca em boca as grandes descobertas do sentido da vida, foram-se acrescentando, aqui e ali, outras coisas, ao sabor das novas formas de entender a existência que as mudanças históricas iam provocando. Por

---

<sup>66</sup> Cyril BIRCH, ed., *Stories from a Ming Collection, The Art of the Chinese Story-teller*, New York, Grove Press, 1968, p. 8.

<sup>67</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, pp. 1178-1179.

<sup>68</sup> Cf. Cyril BIRCH, ed., *op. cit.*, p. 10.

fim, profissionalizou-se. As numerosas audiências populares legitimaram esta profissionalização. Se o contador de histórias já era nos mercados das cidades da dinastia T'ang um ponto de referência obrigatória, atinge, na dinastia Song, o auge da popularidade. A maior parte destes contadores eram homens. Uma vez ou outra, também se encontram mulheres entre eles.

Durante a dinastia Song, os contadores aprofundaram as suas técnicas. No fervilhar da cidade e no meio de uma multidão, cada vez mais habituada a procurar o divertimento, os contadores iniciavam as suas actividades na rua. Utilizavam diversos artifícios para chamar a atenção do público para as suas sessões. Junta a audiência, esperavam que se acomodasse e começavam a função com recitações de um ou mais poemas, com um prólogo anedótico ou qualquer outra pequena história que, muitas vezes, nada tinham a ver com a principal. «A linguagem [era] viva, fluente, sendo utilizado o expressivo vernáculo da época, comentários e perguntas [...] frequentemente dirigidos aos leitores»<sup>69</sup> ou ao público. As suas histórias eram inicialmente caracterizadas por prólogos demorados e por questões retóricas e pelo uso de longas passagens de poesia descritiva, como se pode constatar nas publicadas por Geremie Barmé que retêm muitas das características acima referidas.<sup>70</sup> Muitas vezes, a dança e o canto faziam parte destas actuações; noutras nada as acompanhava e eram constituídas por uma simples recitação.

As «histórias que existem como literatura para ser lida, em vez de serem transcrições de narrações orais, são conhecidas como histórias segundo o modelo *huaben*»,<sup>71</sup> muito populares durante a dinastia Song, desaparecendo a maior parte durante a Yuan (1279-1368). Conforme foi referido, estes *hua-pen*, ou *huaben*

---

<sup>69</sup> YAN Dunyi, «Introdução», in *Contos da dinastia Song e Ming*, Pequim, Ed. em Línguas Estrangeiras, 1987, p. 2.

<sup>70</sup> Cf. Geremie BARMÉ, ed., *op. cit.*, p. XX.

eram como que os auxiliares de memória dos contadores, ou primeiros esboços desses contos. Divididos em 'ítems', ou capítulos com títulos, deixaram contudo de ser o esqueleto inicial dos *hua-pen* quando os letrados, os editores ou comentaristas<sup>72</sup> por elas se interessaram e lhes melhoraram o texto, embelezando-o, retocando-o, ou provavelmente alterando-o mesmo um pouco. Durante esta dinastia e a dinastia Yuan (1279-1368), serviram de base às histórias escritas em língua coloquial, sendo os primeiros exemplos de uma nova literatura popular. O acto repetido de contar e de rever os textos provocou uma forma literária mais consistente.

O conteúdo dos contos, enriquecido com material de diversas proveniências, deu origem a diversos tipos de narrativas. Para Yan Dunyi as histórias da dinastia Song reflectiam «a vida contemporânea e expressava[m] as ideias, interesses e desejos da classe urbana.»<sup>73</sup> Mas não se ficavam por esta reprodução da ideologia das classes em ascensão porque nelas se encontravam espécimes para todos os gostos. A sua diversidade era efectivamente grande: histórias de génios e demónios, pequenos contos que faziam julgamentos hábeis e perspicazes e resolviam enigmas difíceis; narrativas de combates de guerreiros em que os heróis eram supra-humanos; contos budistas que incluíam narrativas de amor e crime; romances históricos e novelas denominadas *Kiang-che...* As narrativas eram muitas vezes acompanhadas de música. Assim é que alguns contos se chamam *yin-tseu-eul*, do nome do instrumento musical que, possivelmente, servia para marcar o ritmo da narração ou para chamar o público.<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> YAN Dunyi, «Introdução», *A filha do chefe dos mendigos, Conto das Dinastias Song e Ming da China*, Pequim, Ed. em Línguas Estrangeiras, 1987, pp. 3-4.

<sup>72</sup> Cf. LIU Ts'un-Yan, *op. cit.*, p. 103.

<sup>73</sup> YAN Dunyi, *op. cit.*, p. 3.

<sup>74</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1184.

O número abundante de contadores, a popularização da profissão e a respeitabilidade social da mesma fizeram que os mais famosos dentre eles tivessem como audiência imperadores e pessoas das classes privilegiadas.<sup>75</sup> Estes contadores tinham, de resto, proveniências muito diversas. Uns eram descendentes de mercadores, outros de cidadãos empobrecidos; alguns eram monges e freiras; havia mesmo um número de letrados reprovados nos exames oficiais. Todos eles entretiam uma população urbana muito diferenciada. E tão importantes se tornaram que fizeram uma classe profissional organizada em guildas - como a *Sociedade dos Mestres Contadores*<sup>76</sup> - que assegurava não só a transmissão e o desenvolvimento da arte como também a protecção e segurança dos seus membros. De resto, a arte de contar não era puramente espontânea ou natural. Houve muitas escolas em que a arte era ensinada, sendo algumas delas especializadas no desenvolvimento de diferentes tipos de contos.

#### 4. *A Dinastia Yuan ou Mongol (1279-1368] A literatura popular e o teatro*

A breve dinastia estabelecida pelos sucessores de Gengis-Khan, a dos Mongóis, seguiu uma política de integração e de não hostilização do povo que havia conquistado, mantendo a administração chinesa e ocupando apenas os lugares mais importantes. É uma época de grande prosperidade económica, como

---

<sup>75</sup> Cf. Geremie BARMÉ, ed., *op. cit.*, p. XIII. Conta-se que o próprio imperador Kao-tsung em 1163 lia ou ouvia todos os dias estas histórias, sempre renovadas, que os seus eunucos diariamente procuravam. De seguida, encarregava-os da organização desses guiões dos contadores, os *hua-pen*, ou *hua-ben*, mas uma vez lidas, a maior parte delas, desaparecia.

<sup>76</sup> Cf. Geremie BARMÉ, ed., *op. cit.*, p. XIII.



no tempo dos Song. Assiste-se igualmente a uma não menor abertura a outros povos.

Os Árabes entram, mais uma vez, em solo chinês, a convite dos novos soberanos e, voltam a comerciar na zona de Fukien.<sup>77</sup> Estabeleceram-se em algumas províncias como, por exemplo, na de Yunnan. Agrupados em associações intituladas *ortaq*, e assistidos nas suas funções por militares mongóis, dominaram o proveitoso monopólio de colecta de impostos.<sup>78</sup>

Para além dos Árabes e de muitos outros povos da Ásia Central, os Mongóis permitiram a vinda de diversos Europeus à China. Um desenvolvido sistema de comunicações internas e externas favoreceu estas diversas migrações populacionais. E com a abertura política veio a religiosa, voltando a implantar-se várias formas de Budismo. Diversos povos da Ásia Central - Tanguts e Uigures, Nestorianos cristãos e Árabes - manifestaram grande interesse pela cultura chinesa. E tão grande era a atracção e perfeita a integração que muitos deles ficaram conhecidos como grandes letrados confucianos e como pintores e calígrafos tipicamente chineses.<sup>79</sup> Da parte dos chineses surgiu igualmente um interesse por países longínquos situados a Oeste, havendo, neste período, alguma emigração chinesa para o exterior.

Nos aspectos culturais, os Mongóis não eram brilhantes. Durante o seu domínio, os letrados chineses tiveram dificuldade em desenvolver as suas capacidades através do exercício das artes literárias eruditas. Os invasores tinham dificuldade em apreciar qualquer tipo de literatura. De resto, sob o seu domínio foram suspensos os exames para a função pública. Esta medida teve um impacto

---

<sup>77</sup> Cf. John K. FAIRBANK and Edwin O. REISCHAUER, *op. cit.*, pp. 169, 174.

<sup>78</sup> Cf. Jacques GERNET, *A History of Chinese Civilization*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990, p. 368.

<sup>79</sup> Cf. John K. FAIRBANK and Edwin O. REISCHAUER, *op. cit.*, pp. 174-175.

negativo no cultivo das letras, já que aos candidatos aos cargos públicos se exigia a entrega de composições literárias. A não obrigatoriedade de escrever segundo os temas e estilos tradicionais contribuiu para que os escritores cultivassem outras formas de literatura, como o teatro, que se desenvolveu muito nas cidades. As suas audiências eram constituídas por pessoas de todas as classes sociais, algumas delas já habituadas às histórias divulgadas pelos contadores e aqui também inseridas. Do ponto de vista literário, a época Yuan é interessante no que se refere à utilização dos temas tradicionais e da linguagem popular porque nela se desenvolveu este género que só podia ter sucesso utilizando-os. Os Mongóis eram sensíveis a esta forma de arte, porque empregando a linguagem corrente, esta lhes era acessível e os familiarizava com a literatura popular. Isto levou-os a facilitar a sua expansão. Este mesmo facto conduziu os letrados a abandonarem os seus preconceitos em relação às peças teatrais e a interessar-se por este género considerado inferior, sendo provável que muitos contos Tang tenham fornecido matéria para muitas destas peças.<sup>80</sup>

Por outro lado, os 'guiões' das dinastias Song e Yuan tornaram-se muito populares, já que foram organizados em colecções, por homens das letras que deles faziam veículo de propaganda confuciana.<sup>81</sup> Nestes livros, a par de algumas histórias originais, apareciam sobretudo imitações de narrativas da dinastia anterior, agora favorecidas quanto à sua divulgação pelos baixos custos permitidos por técnicas de imprensa mais aperfeiçoadas.

## 5. A dinastia Ming (1368-1644)

Depois de quatro séculos de domínio estrangeiro, os Chineses reinaram novamente na China e empenharam-se em fazer renascer

---

<sup>80</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, pp. 1990-1192.

os seus valores tradicionais. Regressou o ensinamento confuciano e o sistema de exames para os funcionários públicos. Porém, a instrução era, em geral, deficiente e medíocres os comentários dos autores.<sup>82</sup> Poetas e prosadores não fazem mais do que imitar os antigos, sobretudo os das épocas Han e T'ang. Salvo raras excepções, a literatura Ming fica marcada não só pela rotina, como também pela falta de imaginação.<sup>83</sup> O romance é um dos géneros mais representativos da época, com a particularidade de que os escritores utilizaram neles, pela primeira vez, a língua falada (*pai-houa*), até então empregada apenas pelos contadores de histórias. Do mesmo modo, foram buscar a inspiração aos *hua-pen*, ou 'guiões' dos contadores de histórias, da altura dos Song. Assim, muitos contos foram escritos e aperfeiçoados a partir destes modelos.

As produções da época apresentam, no entanto, inovações significativas ao nível do conteúdo e da linguagem. Frequentemente têm intenção moralizante. Por seu lado, a linguagem, mais cuidada e distante dos mecanismos da arte popular, atinge estatuto literário.<sup>84</sup>

Durante esta dinastia e a anterior compilaram-se e editaram-se muitas histórias. Feng Menglong, letrado que viveu entre 1574 e 1646, tornou-se um dos mais apreciados e conhecidos escritores. Foi um grande colecionador de literatura popular, tendo tido acesso a muitos *hua-pen*, alguns deles em manuscrito, e a verbetes dos contadores ou guiões das suas actuações. Curioso é notar que Feng Menglong não teve êxito nos exames imperiais. Talvez por causa disso ele se tenha tornado escritor e editor

---

<sup>81</sup> Cf. Geremie BARMÉ, ed., *op. cit.*, p. XV.

<sup>82</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1199.

<sup>83</sup> Cf. ID., *Ibd.*

<sup>84</sup> Cf. YAN Dunyi, *op. cit.*, p. 4.

de peças teatrais e de velhos contos como as *Histórias passadas e recentes*, as quais foram publicadas entre 1620 e 1627 em três volumes: *Histórias para ensinar os homens*, *Histórias para avisar os homens*, *Histórias para despertar os homens*. Nelas retoma narrativas de séculos passados. Nas últimas emprega o mesmo estilo coloquial dos 'guiões' dos contadores de histórias, sendo algumas originárias dos períodos Song e Mongol. Outras serão porventura da autoria do próprio Feng Menglong. No 2.º volume está incluída uma das mais famosas histórias chinesas, a da *Serpente branca*.

Outro contemporâneo de Feng, Ling Meng-ch'ú (1580-1644), fez sair em 1628 uma colectânea com 79 contos, segundo o modelo *hua-pen*, conhecida por *Histórias miraculosas e de espantar*. Uma outra obra da sua autoria, intitulada *Os dois sucessos*, foi publicada em 1632.

Para além destas colecções, entre 1573 e 1619<sup>85</sup> foram dados à estampa vários romances históricos, muito populares na época. Um dos mais difundidos na China é a *História romanceada dos três reinados*. O drama das guerras do período dos *Três reinados* forneceu inesgotável material de base de trabalho para as produções artísticas de contadores de histórias e dramaturgos T'ang.

Um outro romance muito conhecido é a *Peregrinação ao Ocidente*. A sua temática está longe das realidades históricas; entra pelo campo do sobrenatural. Reporta-se à viagem do monge Hsuan Chuang (conhecido por Tripitaka) à Índia, no século VII, em demanda de textos budistas. Aparece também nesta época um outro tipo de romance, vindo quase que directamente dos contadores populares, que continua a tradição dos *p'ing-houa*: os romances de aventuras.

A popularidade deste conjunto de histórias e romances e outras produções literárias provocou um intenso movimento no

---

<sup>85</sup> Cf. Odile KALTENMARK, *op. cit.*, p. 101.

mercado livreiro. Muitos 'guiões', conforme se referiu, foram retocados, embelezados e finalmente publicados.

## 6. A dinastia Manchou ou Qing (1644-1911)

A dinastia Manchou era de origem estrangeira. Os conquistadores souberam, no entanto, respeitar os costumes, os ritos e a moral chinesa, sinizando-se mais do que os Mongóis. A própria aristocracia manchou recebia uma educação chinesa. Adoptaram uma política de expansão do território e cerca dos finais do século XVIII atingiram grande prestígio. Segue-se uma época difícil, que culminou com o fim da dinastia em 1911.

Do ponto de vista literário, os letrados da dinastia Qing seguiram os passos dos seus imediatos antecessores: sem grandes rasgos originais, imitaram os antigos.<sup>86</sup> J. Gernet afirma ser «a nova dinastia Manchou puritana e hostil à literatura de distração escrita numa língua próxima da língua falada.» Por isso, «esta literatura desaparece quase inteiramente [...] para dar lugar a formas mais elaboradas e mais eruditas.» E pergunta-se se a acção do Estado neste domínio não teria sido provocada pelo que os próprios meios letrados desejavam, ou se, concomitantemente não estaria em relação com o desaparecimento da burguesia urbana culta, que se tinha desenvolvido no fim da época dos Ming. A literatura de distração sobrevive, mas muda de natureza e de público. Exprime-se em língua clássica, de mais difícil acesso, cheia de reminiscências literárias e de citações em que são redigidas as célebres antologias de contos de Pu Song-ling (1640-1715) e de Yuan Mei (1716-1790).<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1212.

<sup>87</sup> Cf. J. GERNET, *O mundo chinês*, II, Lisboa, Rio de Janeiro, Cosmos, 1975, p. 53.

Enquanto a maior parte dos géneros estagna, o conto e o romance continuam a sua esteira de desenvolvimento.<sup>88</sup> O já referido P'ou Song-ling, por exemplo, tornou-se notável pelas *Histórias estranhas de um estúdio chinês*. Tal como muitos outros escritores, o autor não tinha sido bem sucedido nos exames imperiais. Por isso se dedicou à actividade literária, tendo cultivado vários géneros, incluindo poemas em língua falada ou *pai-houa*. Na mesma língua, e dirigidos a uma classe menos culta, foram escritos romances de aventuras, muitos dos quais tinham origem nas narrativas dos contadores populares. A mais notória é a *História heróica de um adolescente e de uma adolescente*, aparecida por volta de 1870.

Os últimos 20 anos da dinastia Qing foram profícuos em romances de toda a espécie incluindo os estrangeiros, cuja tradução esteve muito em moda.

## 7. O movimento de recuperação da literatura popular no século XX após a queda da dinastia Qing

Um outro capítulo da história da literatura popular chinesa começa nos princípios do século XX, com um movimento de natureza política, o «4 de Maio de 1919.» Uma das primeiras grandes medidas tomadas logo a seguir a esta revolução foi a adopção da *bai-hua*, a língua popular, que substitui gradualmente a *wenyan*, a língua clássica. Esta estabelecia uma segregação linguística que contribuía para a identificação de uma elite intelectual e burocrática que, pela língua, se distanciou das restantes classes. Neste século cessa este distanciamento linguístico.

Muitas foram as mudanças políticas realizadas neste período na China. E, tal como na política, também na literatura se mani-

---

<sup>88</sup> Cf. Max KALTENMARK et François CHENG, *op. cit.*, p. 1220.

festaram diversas tendências que obviamente não nos cabe desenvolver aqui, restringindo-se as nossas notas apenas à literatura popular. Duma maneira sintética se dirá que, a partir deste tão conturbado período, a literatura popular é finalmente reconhecida como literatura, sendo os seus defensores movidos por ideais nacionalistas e políticos. O surgimento do nacionalismo coincide com o desenvolvimento dos estudos folclóricos, cruciais para o desenvolvimento da China actual.<sup>89</sup> Segundo W. Eberhard e Richard M. «a relação entre o estudo do folclore e o nascimento do nacionalismo está muito bem ilustrado na China.»<sup>90</sup> Muito deste material serviu, segundo as intenções dos ideólogos e políticos chineses, para estudar as condições de vida do povo chinês, para o instruir e educar.

A recolha e estudo do material folclórico atingiu várias regiões, de Cantão a outras cidades do Sul e do centro da China, tais como Amoi, Fuchow, Cantão, Hangchow...<sup>91</sup> Por outro lado, foram criados nesta Universidade diversos cursos relacionados com o estudo científico da tradição popular, como Psicologia e Folclore, Mitologia grega, Estudos comparados de literatura chinesa e contos indianos.<sup>92</sup>

Contudo estas iniciativas e realizações nem sempre foram plena e consequentemente aceites por todos. As atitudes face à literatura popular passaram por diversas fases de avanços e recuos, de confiança ou incredibilidade, de aceitação e rejeição. No entanto, as recolhas dos textos tradicionais foram incrementadas até à governação de Chiang Kei-Shek, notabilizando-se neste

---

<sup>89</sup> Cf. Wolfram EBERHARD, *Studies in Chinese Folklore and Related Essays*, Bloomington, Indiana Univ./Folklore Inst. for the Language Sciences, 1970, p. 3. (Monograph Series, vol. 23.)

<sup>90</sup> Richard M. DORSON, «Foreword», in Wolfram EBERHARD, ed., *Folk Tales of China*, London, Kegan Paul, 1965, p. V.

<sup>91</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. XI.

<sup>92</sup> Cf. ID., *op. cit.*, p. X.

empreendimento estudiosos como Ku Chieh-Kang, Hu-Shih e Lu Hsun. O escritor e político Lu Hsun dirigiu e orientou grupos de recolhas de histórias e baladas. O próprio Mao Tse-Tung tomou parte neste movimento de interesse folclórico.<sup>93</sup> Para além da colecta, Lu Hsun e o seu irmão Chou Tso-jen dedicaram-se com afinco à pesquisa de contos de fadas e lendas de outros países. Hu Shih, por seu lado, participou na organização de uma colecção de canções populares, num projecto que esteve ligado à Universidade de Pequim e que envolvia professores, oficiais e estudantes.

Lu Hsun e Chieh-kang foram os principais impulsionadores destes estudos. A perspectiva em que se colocavam nem sempre primava pela cientificidade. Pretendendo utilizar os dados tradicionais para fins políticos, as recolhas nem sempre foram fiéis ao verdadeiro pensamento popular. Aliás, Lu-Hsun pensava que os dados tradicionais deviam servir os objectivos da revolução. Isto fez que, muitas vezes, alterasse certas passagens ou personagens, ou as excluísse, em benefício da ideologia comunista que professava. Isto está, aliás, ligado à ideia, que curiosamente aparece pela mesma ocasião em Portugal, de que o homem simples é melhor e mais honesto do que o burguês da cidade. Por isso, os actores das histórias e dos contos tradicionais, são considerados os autênticos representantes dos valores da sociedade.

O próprio partido comunista chinês não foi insensível a esta matéria. Tal como na ex-União Soviética, a literatura popular foi tomada como um dos veículos privilegiados da ideologia. O que não se fez sem graves consequências do ponto de vista do conhecimento da tradição popular chinesa, pois, como diz W. Eberhard, a politização do legado tradicional impediu «um verdadeiro trabalho científico.»<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> Cf. Wolfram EBERHARD, *Studies in Chinese Folklore...*, p. 6.

<sup>94</sup> ID., *op. cit.*, p. 16.



Segundo os organizadores das recolhas referidas, o seu interesse era grande já que «descrevia situações e tópicos que a literatura clássica nunca tinha descrito.» Em unísono com os estudiosos europeus do século passado, acreditavam que estes materiais continham sobrevivências das mais velhas tradições chinesas.<sup>95</sup> Comparando as lendas antigas com as mais recentes concluíram que os literatos falsificaram e mudaram as tradições folclóricas. Ku Chieh-kang chegou à conclusão que, tanto as lendas como as histórias, não referiam acontecimentos verdadeiros. Por isso, o uso destes materiais podia servir para desmascarar e reinterpretar a história da antiga China.

A recolha e o estudo destes materiais não se fez durante muito tempo. Da euforia inicial passou-se a uma declarada desconfiança. As primeiras motivações não foram suficientes para a prossecução do trabalho. Aliás, alguns dos primeiros entusiastas começaram a tomar consciência das perigosas implicações políticas que o seu trabalho poderia ter. Chiang (1928) foi um deles. Concomitantemente, os dirigentes políticos começaram a considerar estes estudos reaccionários, pensando que eles «poderiam conduzir à destruição da história tradicional e gloriosa da velha China [...] e [...] que poderiam ser utilizados pelos movimentos separatistas.»<sup>96</sup>

Assiste-se, assim, a um decréscimo dos estudos folclóricos. Em todo este processo, Chung Ching-wen, professor da universidade de Pequim, é considerado uma figura de transição. Em 1951, publicou ensaios sobre a literatura oral, afirmando que a literatura e a arte populares «tiveram origem e desenvolveram-se no povo, durante o longo processo da sua existência social e das lutas sociais.» E acrescenta, citando Gorki, que «sem conhecimento da tradição oral do povo, ninguém pode compreender

---

<sup>95</sup> Cf. ID., *op. cit.*, pp. 5-6.

<sup>96</sup> ID., *op. cit.*, p. 7.

a verdadeira história da classe trabalhadora.» Chung viu aqui «infusões da literatura das classes privilegiadas, da pequena burguesia urbana que emulava os seus mestres, e das absurdas invenções dos monges budistas e praticantes taoístas»<sup>97</sup> e quis fazer a separação da parte científica da propaganda socialista.

Do que não há dúvida é que alguns colectores, como Chang Shih-chieh, desenvolveram o contraste social nas histórias sempre a favor das classes mais desprotegidas contra a aristocracia e os religiosos, o que prejudica a clara compreensão do legado tradicional do pensamento popular chinês.

Este conjunto de dados demonstra que não é fácil o estudo da verdadeira tradição chinesa. Os múltiplos e entrecruzados contributos, de populares e literatos, na definição das histórias que chegaram até nós, dificulta o estudo da tradição. Daí que se tenha de fazer uma escolha criteriosa dos materiais sempre que se queira comparar.

## Conclusão

O percurso seguido ao longo destas dinastias mostrou a evolução do conto popular e dos contadores, revelando simultaneamente a alteração dos diversos receptores cada vez mais interessados e exigentes, bem como dos próprios escritores face a um legado, apenas aceite com plenitude e estatuto literário, no século XX.

Do texto de anedotas e bisbilhotices ouvidas na rua, das heranças dos mitos e lendas, das histórias de imperadores e altos dirigentes, aventureiros, cortesãs, gente do povo; dos temas

---

<sup>97</sup> Richard M. DORSON, «Foreword», in W. EBERHARD, ed., *op. cit.*, p. XIII.

indianos dos *pien-wen* dos monges budistas, das *ch' uan ch'i*, e da criatividade dos próprios contadores e de tantas outras influências se foi enriquecendo o conto popular. Os contos mais antigos, os *shiao-shuo* datam, pelo menos, da época das Seis Dinastias e são constituídos por algum do material acima descrito. Nos *hua-pen* se encontraram o esqueleto de muitos dos contos dos guiões de contadores posteriormente utilizado pelos escritores que depois de o retocarem fizeram vir a lume importantíssimas colecções de literatura popular. Mas, desde sempre, os intelectuais os foram introduzindo de alguma maneira nos tratados históricos, filosóficos, geográficos e nas obras clássicas confucianas. O conto, a anedota, o provérbio foram utilizados pelos homens cultos para exprimirem melhor as suas ideias e facilitarem a compreensão da mensagem e aligeirarem o conteúdo.

A importância e expansão da actividade do contador, a respeitabilidade social da mesma fez que esta se profissionalizasse na dinastia Song e atingisse o zénite. Inúmeras escolas proliferaram especializando-se em conteúdos diversificados. A actuação aumentou à medida que os centros urbanos e a população também se ia multiplicando. O crescente incremento de zonas de entretenimento e a vinda de uma população muito diversa para os grandes meios contribuiu para isso. Os profissionais foram-se constituindo com gente de várias proveniências; de homens cultos aos semiletrados, monges budistas à gente da rua, do povo.

Mais tarde, na dinastia Song e na Ming, muitas destas histórias foram impressas, bastantes incluídas nos livros-cábulas. Foram publicadas e retocadas pelo escritores que, apesar de as desprezarem durante tanto tempo, nelas colheram muita inspiração. As mudanças de conteúdo e de linguagem, bem como o fim moral que algumas apresentam fazem que ela deixe de ter as características da literatura popular. O público parece ter sido determinante, devido o facto de a literatura atingir um grupo cada vez maior de pessoas. Na dinastia Qing, a literatura de distracção sobrevive, mas exprime-se em língua clássica, portanto, para um público diferente.

Nas duas últimas dinastias o conto vai perdendo a sua importância, mas infiltra-se e afirma-se no teatro e na ópera. É com a Revolução de 4 de Maio de 1919 que renasce o interesse pela literatura popular, adquirindo neste século XX um verdadeiro estatuto literário. Foi frequentemente utilizada com fins ideológicos e políticos, ocasionando, por vezes a deturpação da melhor literatura deste género. Por volta de 1957-58 deu-se uma supressão progressiva das formas literárias tradicionais, desaparecendo os contadores de histórias das cidades, outrora, tão deles frequentadas. Em 1976, no fim da Revolução Cultural as óperas tradicionais e outros géneros populares foram permitidos e a publicação de uma série de contos populares começou novamente a fazer-se.

Assiste-se, hoje em dia, a um crescente interesse por estas matérias, tanto internamente, tanto no exterior. Os estudos realizados nas Universidades e a tradução de literatura popular em várias línguas, inclusivamente em português, o testemunham.<sup>98</sup>

### Bibliografia

- EBERHARD, Wolfram, *Studies in Chinese Folklore and Related Essays*, Bloomington, Indiana Univ./Folklore Institute for the Language Sciences, 1970, 329 pp. (Monograph Series, vol. 23)
- FAIRBANK, John K., and Edwin O. REISCHAUER, *China, Tradition and Transformation*, Sidney, Allen & Unwin, 1989, 551 pp.
- GERNET, Jacques, *La Chine ancienne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1986, 5.<sup>a</sup> ed., 124 pp.
- GERNET, Jacques, *A History of Chinese Civilization*, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990, 772 pp.

---

<sup>98</sup> Ana Maria Costa LOPES, «O catálogo dos livros chineses, versões em português», *Revista de Estudos Luso-Asiáticos*, Macau, 1 (Set), 1992, pp. 83-96.

- GERNET, Jacques, *O mundo chinês*, II, Lisboa, Rio de Janeiro, Cosmos, 1975, 427 pp.
- GERNET, Jacques, *La vie quotidienne en Chine à la veille de l'invasion mongole, 1250-1276*, Paris, Hachette, 1978, 287 pp.
- KALTENMARK, Odile, *La littérature chinoise*, Paris, Presses Universitaires de France, 1977, 126 pp.
- LÉVY, André, *Études sur le conte et le roman chinois*, Paris, École Française d'Extrême Orient, 1971, 211 pp. (Publications de l'École Française d' Extrême-Orient, 82).
- LÉVY, André, *Histoires extraordinaires et récits fantastiques de la Chine ancienne, Chefs-d'oeuvre de la nouvelle (dynastie des Tang, 618-907)*, II, Paris, Aubier, 1993, 210 pp.
- LÉVY, André, *Inventaire analytique et critique du conte chinois en langue vulgaire*, Paris, 1978 (Memoires de l'Institut des Hautes Etudes Chinoises, 7).
- LÉVY, André, *La littérature chinoise ancienne et classique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1991, 125 pp.
- LOPES, Ana Maria Costa, «O catálogo dos livros chineses, versões em português», *Revista de Estudos Luso-Asiáticos*, Macau, 1 (Set), 1992, pp. 83-96.
- LU Hsun (LU Xun), *A Brief History of Chinese Fiction*, Peking, Foreign Languages Press, 1976, 437 pp.
- LU TS'UN-YAN, *Chinese Popular Fiction in Two Libraries*, Hong-Kong, Lung Men Bookstore, 375 pp.